

Justiça para Sartre



**Recensão:
João Carlos Correia**

www.lusosofia.net





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2009

FICHA TÉCNICA

Título: *O século de Sartre*

Autor: Bernard-Henry LÉVY

Recensão de: João Carlos Correia

Colecção: Recensões LUSOSOFIA

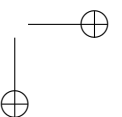
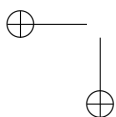
Direcção da Colecção: José M. S. Rosa & Artur Morão

Design da Capa: António Rodrigues Tomé & José Rosa

Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2010







Justiça para Sartre

João Carlos CORREIA

“O século de Sarte”, sem evitar a alusão quase incontornável à intervenção política de Jean-Paul Sartre, apresenta-se, em primeiro lugar, como uma “Pesquisa Filosófica”, no decurso do qual o autor procede à análise das relações entre a filosofia de Sartre e algumas das formas de pensamento que o influenciaram decisivamente. Nessa medida, são de destacar a análise das relações entre o pensamento sartriano e as grandes correntes filosóficas que se reflectem na sua obra, nomeadamente Bergson, Nietzsche, Hegel e, especialmente, a Fenomenologia (designadamente as obras de Husserl, Heidegger) e o marxismo. Simultaneamente, procede-se a uma revisão de algumas das polémicas filosóficas em que Sartre interveio como actor destacado, designadamente a recepção francesa do pensamento de Heidegger, a polémica com Merleau-Ponty e a controvérsia com o pensamento estruturalista. Ao longo desta análise, aparecem como temas centrais a Subjectividade e a Intersubjectividade, o conceito de Sujeito e a polémica sobre o humanismo, tentando-se ultrapassar o que o autor considera serem alguns equívocos da recepção crítica de Sartre por parte da vaga estruturalista.

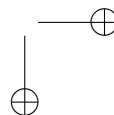
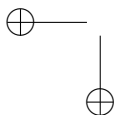
Esta análise oferece-se como o pano de fundo sobre o qual se procede à análise do “caso Sartre”. A tese de Bernard-Henry Lévy é de que Sartre mudou de política (nomeadamente ao enveredar pelo conjunto de intervenções conjunturais, muitas vezes desastradas, em que se traduziu o seu compromisso) quando mudou de filosofia. Ou seja, quando, a partir de *A Crítica da Razão Dialéctica*, assume a totali-



dade da herança hegeliana e se coloca, de modo inequívoco, do lado da história, na qual reconhece um sentido até aí renegado.

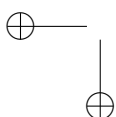
Simultaneamente a esta dimensão filosófica, Bernard-Henry Lévy procura “fazer justiça” a Sartre enquanto escritor e romancista, indicando a sua clara preferência pela “Náusea”, “As Palavras” e “Caminhos da Liberdade” como obras maiores. Tal como acontece no domínio filosófico, procede-se a uma inserção da obra de Sartre no contexto da literatura francesa. O autor refere-se, em especial, à influência da literatura americana através de John dos Passos e William Faulkner, designadamente o recurso a técnicas de escrita provenientes do cinema e a fragmentação da narrativa através da multiplicidade de pontos de vista. Este é, aliás, um dos traços que leva Bernard-Henry Lévy a concluir que existe subjacente à literatura sartriana uma dimensão filosófica: a multiplicidade de pontos de vista indicia a despedida em relação à visão antropologizante e cartesiana do sujeito. Os personagens de “Caminhos da Liberdade” parecem ser, eles mesmos tipos moldados no pensamento que percorre “L’être et le néant”: as suas reflexões parecem apontar para uma espécie de visão eminente do não-ser que ameaça o ser e as suas acções parecem lançadas num compromisso de liberdade que os leva afastarem-se da facticidade irremediável das suas experiências e do seu corpo.

Por último, Bernard-Henry Lévy enfrenta o próprio percurso político e pessoal de Sartre, designadamente os seus equívocos políticos, as suas idiossincrasias pessoais e fraquezas no espaço da intervenção política. Mais uma vez, a tese do primeiro Sartre surge, aos olhos de Lévy, como o alibi que resgata Sartre dos seus desvarios estalinistas e dos seus devaneios comprometidos. O “Sartre assombrado por Nietzsche e Céline”, “o Sartre anarquista, libertário” opõe-se ao Sartre “intelectual progressista”, antes deste se tornar “o intelectual totalitário da estátua em que o quiseram transformar.” A interpretação de Lévy parece não suscitar dúvidas: que a hipótese da boa comunidade não faça ontologicamente sentido, isso decorre de toda a metafísica do primeiro Sartre. Ele duvida do Homem: era o que A Náusea não parava



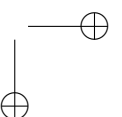
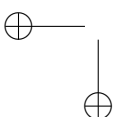


de dizer. Duvida da própria Pureza: este foi outro tema de *A Náusea* e, depois, de *Os Caminhos da Liberdade* e, está claro, se bem que mais tarde, de *As Mãos Sujas*. Dúvida da verdade: esse era uma das lições de *O Ser e o Nada* em que era questão, como em Lacan, de «uma verdade que não pode ser completamente enunciada.» Dúvida do Todo e, mais precisamente, da famosa conjunção, assestada logo às primeiras linhas da *Fenomenologia do Espírito*, entre o Todo e o Verdadeiro e, nessa medida, não pode deixar de trazer à memória a proposição adoniana: o Todo é Falso. Sartre duvida da boa comunidade, do consenso, da possibilidade de fusão e de entendimento entre os homens. Finalmente, despreza as visões que permitam ao homem, a partir da realização divina, do Julgamento Final, ou do triunfo da Utopia aceitar a tortura, o assassinato e arbitrariedade em nome de um sentido da história e da sua inscrição prévia na ordem das coisas. «Abandonai o vosso ponto de vista e aceitai o dessa grande utopia que eu vos proponho e em nome da qual vos peço que aceiteis o arbitrário, os campos, o assassinato, o perigo em sistema, a tortura, a devastação. Vereis então que tudo faz parte de um plano de conjunto. “Compreendereis então que esta devastação, esta carnificina, talvez partam de uma ordem superior” (Lévy, p. 373), diz Lévy certo de que está a traduzir fielmente, a caricatura do pensamento totalitário que se vislumbra no pensamento do primeiro Sartre. Enfim, há o seu descomprometimento absoluto – abstenção em 1936, quando da eleição de León Blum, pacifismo individualista quando dos acordos de Munique, expressões de um certo apolitismo, refractário ao engagement, continuada publicação e representação de obras na França ocupada, colaboração num jornal pétainista, expressões enfim, de um certo dandismo parcialmente coerente com a sua concepção filosófica da contingência do sujeito – até à sua adesão em 1941, à Resistência, a fundação de um grupo do qual vários membros são detidos e mortos, os encontros com Jean Cavallés quando Marlaux ainda achava impossível levar efeito a acção directa em França, ou quando os comunistas ainda se despediam das consequências do Pacto Germano-Soviético. (Lévy, p. 385). Finalmente,





há o Sartre, otimista e totalitário, ao qual corresponde uma viragem filosófica. Ou seja, o Sartre que, em 1944, depois da denúncia do colaboracionismo, depois de se negar a encontrar um qualquer sentido oculto inscrito na história, e da sua intransigência para com todas as visões que buscam na Utopia a solução final “recomeça a ver uma luz despontando a leste” estando “em vias de de inventar com outros, o novo espírito colaboracionista que se irá abater sobre a Europa.”(Lévy, 434.) O Sartre que se toma de razões contra Camus, em nome da esquerda oficial. O Sartre que afirma: “todo o anticomunista é um cão, persisto e persistirei em dizê-lo.” Que irá classificar de “povo imaturo” os Húngaros revoltados em 56 e chamar o maior dos “erros” ao relatório de Krutschev sobre os crimes do estalinismo e ultrajar, levemente, Soljenitsyne. O Sartre que se aproxima da extrema esquerda para defender o uso do terrorismo pela OLP em 1972, na aldeia olímpica. E que, apesar da lenta distanciação em relação à URSS, ainda chamará de “agentes da CIA” aos novos filósofos. Apesar disso, é o mesmo Sartre que se insurge contra a invasão da Checoslováquia, que acusa Castro quando condena um dissidente cubano por homossexualidade, que protesta contra a equiparação pela ONU do sionismo ao racismo, que, apesar do apoio inquietante à acção da OLP na aldeia olímpica sempre defenderá com idêntica intransigência a manutenção do Estado de Israel, em plena guerra do Kippur. Qual é a segunda filosofia deste Sartre segundo? Para Bernard-Henry Lévy, é a Filosofia hegeliana da Crítica da Razão Dialéctica, quando a história parece assumir, em si, um sentido que culmina na realização da razão absoluta que nela incarna, e onde a comunidade que tanto desprezara retoma uma importância nova no sujeito colectivo revolucionário, para quem, enfim, a subjectividade é sistematicamente baptizada de burguesa. Nessa medida, Lévy fala de uma espécie de reacção ao retardador à recepção extasiante de Hegel em França, através de Kojève. Com efeito, *L’être et le néant* apesar de escrito à maneira de Hegel, com recurso a abundante conceptualização originada em *A Fenomenologia do Espírito*, ainda conteria dentro de





si, uma afirmação de individualidade que resistia ao sistema e que se desmoronaria, no interior do pensamento de Sartre, alguns anos depois.

Ao longo das mais de setecentas páginas do livro pressente-se a necessidade sentida pelo autor de proceder a uma espécie de reabilitação de uma figura que ele admite ter sido injustiçada (“justiça para Sartre” é o título de um dos capítulos), afirmado-se que o desaparecimento do contexto político ao qual o nome de Sartre está irremediavelmente ligado permite a escrita de uma obra que, antes, seria considerada um “saudosismo de mau gosto.”

“O século de Sartre” constituiu uma das principais surpresas editoriais do ano 2000 em França, ao configurar uma espécie de justificação do desempenho filosófico e político de Sartre durante os cerca de 30 anos em que afirmou como uma espécie de estrela do universo académico francês. A surpresa resultou em grande parte do facto de a obra ser assinada por Bernard-Henry Lévy, figura de proa da chamada “Nova Filosofia”, celebrizada pelo ambiente de condenação do desempenho político dos “intelectuais de esquerda”, de que Sartre foi, talvez, o principal expoente. Apesar de ter conquistado grande parte da sua celebridade no final dos anos 70 e princípios dos anos 80 graças à assimilação entre o pensamento revolucionário e o totalitarismo, granjeando grande parte da sua notoriedade na solidariedade activa para com os dissidentes do regime soviético e pela crítica a Sartre e a todos os intelectuais que se comprometeram politicamente, silenciando as violações dos direitos humanos levadas a efeito por regimes que se identificaram com aplicação dos «princípios marxistas», Bernard-Henry Lévy parece fazer uma inversão intelectual no seu próprio percurso, ao proceder a uma espécie de reabilitação do percurso filosófico de Jean-Paul Sartre.

Trata-se, porém, de uma inversão de percurso suspeita, em relação à qual os dados parecem viciados.

Em primeiro lugar, a obra é escrita sob o signo de um fascínio intenso que, dificilmente, pode advir de hoje, por por mais que se concorde que o desmoronamento dos muros ideológicos em que Sartre





comprometeu parte da sua independência (e alguma da sua lucidez) permite uma re-leitura diferente da totalidade da sua obra filosófica, literária e até mesmo da sua intervenção política.

Em segundo lugar, apesar da abundância de argumentos retoricamente expostos, corre-se o risco de algum simplismo nesta biografia filosófica de um Sartre a quem a experiência concreta e vivida da solidariedade sentida num campo de prisioneiros – tal é a explicação de Lévy – faz passar de um percurso envolto num certo diletantismo e distanciamento irónico a um Sartre irremediavelmente comprometido com «o sentido da história».

Por último, sobra a sensação de que a ideia de justiça para Sartre corre o risco de algum partenalismo que aqui e ali, assoma na obra, apesar dos protestos do autor em sentido contrário. Justiça para este pobre velho, extinto e inofensivo, que errou mas do qual ainda podemos recuperar algumas pérolas literárias e filosóficas. Sartre detestaria este tom de piedade . A grandeza ou pequenez de Sartre já está construída e inclui os seus excessos e os seus erros, sem os quais uma parte importantíssima da sua obra e do seu pensamento podiam ser compreendidos. Se existem alguns equívocos que urge desfazer – o mérito da obra de Lévy é o de dar alguns passos para desfazer alguns deles – tal trabalho não parece poder ser feito no contexto de uma certa de contas feito em tom de elegia fúnebre proferida com vinte anos de atraso.

